

NERI, A. L. O modelo comportamental aplicado ao ensino. IN: PEN-TEADO, W. M. A. (Org.). *Psicologia e ensino*: São Paulo: Papeli-vros, 1980, p. 118-133.

SKINNER, B. F. *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Mar-tins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. *Tecnologia do ensino*. São Paulo: EPU, 1975.

TOURINHO, E. Z. *O auto-conhecimento na psicologia comportamen-tal de B. F. Skinner*. Belém: Editora Universitária/UFPA, 1995.

## Quotidiano e História: Retomando a História Oral

Darcy Flexa Di Paolo  
Departamento de Metodo-  
logia/CFCH/UFPA

**Resumo:** No momento em que todos os setores da sociedade estão em processo de informati-zação, acontece também uma significativa revalorização dos métodos qualitativos nas ciências sociais. No contexto da metodologia qualitativa, destaca-se a técnica da história oral. Técnica esta que oferece mecanismos de construção do conhecimento através, sobretudo, do resgate da memória dos próprios atores sociais, principalmente daqueles que, de um modo geral, têm sido desconsiderados pela história oficial. Este estudo apresenta a história oral e seu contexto no processo de produção do conhecimento sobre o mundo em que vive-mos.

**Palavras-Chave:** metodologia, conhecimento, história oral, memória, ciências sociais.

## Everyday Occurrences and History: a Reconsideration of Oral History

**Abstract:** At this point in history when society finds itself in the process of computarization, a significant reevaluation of qualitative methods in the social sciences is taking place. Within the field of qualitative methodology the oral history technique is gaining importance. This technique offers mechanisms for the construction of knowledge by accessing the memory of key social agents, principally those not mentioned in official historical accounts. This study describes oral history and its role in the production of knowledge about the world in which we live.

**Key Words:** methodology, knowledge, oral history, memory, the social sciences.

A história oral é uma técnica de pesquisa utilizada nos dias de hoje, sobretudo, no campo das ciências humanas. Sua utilização tem sido aplicada de diversas formas para atender a finalidades das mais variadas possíveis. Para as ciências sociais a história oral pode ser uma fonte mediante a qual a memória comparece "datada e situada". Esta idéia de tempo e lugar é muito bem evidenciada por Maffesoli (1987, p. 81 e 82), de que

é a partir do 'local', do território, da 'proxemia' que se determina a vida

de nossas sociedades. E todas essas coisas se referem, também a um saber local, e não mais a uma verdade pejorativa e universal. Isto exige, sem dúvida, que o intelectual saiba 'estar' naquilo que descreve ..., fazer ressaltar a permanência do fio condutor popular que percorre o conjunto da vida política e social.

Mas, nem sempre ocorre assim, como diz Burke (1992, p. 164), "a fragilidade implícita das fontes orais é considerada universal e irreparável", sobretudo em trabalhos de historiadores tradicionais. Todo pesquisador deve estar ciente de que tanto os relatos orais quanto os relatos escritos têm as suas limitações, assim como todo tipo de documento humano. Segundo Burke (1992, p. 188), "o que os arquivos oficiais contêm, pode ser, seja por intenção consciente, em geral maldosa, ou em virtude de escolhas erradas do que preservar ou do que queimar, tão enganador quanto as outras fontes".

Thompson (1992, p. 17), grande defensor da história oral, sugere a necessidade de se "descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos".

Sabemos que um leque de fatores interferem significativamente no processo da história oral. Queremos aqui, retomar esta técnica de investigação, levando em conta, exatamente, este leque de fatores que envolve investigador *versus* investigado, no desenvolvimento de tal prática. Tomamos a posição de que ela é valiosa para a pesquisa em ciências sociais.

Não podemos falar em história oral sem focalizar o próprio papel da história enquanto mecanismo de produção do conhecimento humano. A história não é simplesmente o estudo dos fatos sociais do passado, ela trabalha com o conhecimento dos homens no tempo, tempo este que é contínuo, sempre em processo de transformação. "O passado é, por definição, um dado, que coisa alguma pode modificar. Mas, o conhecimento do passado é coisa em progresso, que ininterruptamente se transforma e se aperfeiçoa" (Bloch, 1976, p. 55). Segundo Bloch, **qualquer documento**, mesmo os mais claros na aparência e os mais condescendentes, **só falam quando se sabe interrogá-los**.

A diversidade de testemunhos históricos é muito grande. Tudo o que se relaciona ao ser humano, tudo o que ele faz, diz ou pensa, pode e deve informar ao seu respeito, desde que saibamos compreender bem o conteúdo destas informações, o que está por trás

de cada dado em estudo. Não podemos compreender o sentido de qualquer fenômeno se não conhecermos qual é a força que se apropria deste, que o explora ou nele se exprime.

A história não pode ser compreendida apenas como sucessão de fatos no tempo, como progresso de idéias, mas como **produção de sentidos**. A história estuda o modo como os seres humanos, em condições determinadas, criam os meios e as formas de sua existência social, reproduzem e/ou transformam essa existência, dando sentido ao seu existir no mundo.

A história se organiza, tendo como parâmetro as relações de poder. Todas as afirmações que surgem da razão são interpretáveis, pois seu verdadeiro sentido muitas vezes nos vem mascarado e deformado pelas ideologias. A interpretação da história envolve a expressão de uma ideologia que exerce influência marcante sobre os homens, portanto, a consciência social intervém fortemente na ação histórica.

A história se faz fundamentalmente através da linguagem. Existe uma íntima ligação entre linguagem e conhecimento. Nossa percepção de mundo é fortemente derivada da linguagem que empregamos, com que observamos e com a qual vivemos. É através da fala que o conhecimento é codificado, decodificado, transmitido e transformado entre os seres humanos.

Dos documentos, testemunhos, quaisquer que sejam as suas formas, não podemos nos iludir de que eles falam por si só; é preciso estarmos munidos de instrumentos adequados para podermos identificar sua fala. A história oral é um meio de investigação que se propõe identificar esta fala, dar sentido ao conteúdo da mesma, a partir do contexto em que ela é produzida.

A história oral compreende, sobretudo, uma relação entre pesquisador e pesquisado, este, como testemunha contemporânea, ou participante de ações históricas. Como se dá esta relação? Quais os fatores que interferem? Que mecanismos são utilizados no decorrer do seu processo? Quais os seus limites, possibilidades, enfim, qual o papel da história oral no processo de produção do conhecimento?

Vale ressaltar que, no bojo das técnicas de pesquisa utilizadas nas ciências sociais, a história oral faz parte dos métodos qualitativos. Pesquisas baseadas em métodos qualitativos não estão sujeitas, necessariamente, a esquemas de classificação e quantificação do material em função de categorias pré-determinadas, como acontece quando da uti-

lização de métodos quantitativos. Atualmente, existe uma discussão acentuada em torno da utilização destes métodos quantitativos *versus* qualitativos. Não é nossa intenção aqui mostrar a melhor validade de um ou de outro.

Para Minayo (1993, p. 28), “qualquer pesquisa social que pretenda um aprofundamento maior da realidade, não pode ficar restrita ao referencial apenas quantitativo”. De fato, as técnicas qualitativas podem valer-se muitas vezes de técnicas quantitativas, de modo interrelacionado e complementar. Ainda segundo a mesma autora, pesquisas não estruturadas, muito freqüentemente utilizadas enquanto metodologia qualitativa, podem oferecer impressão tão fortes a ponto de constituir um acervo altamente significativo junto aos dados quantitativos.

De acordo com Michelat apud Thiollent (1987, p. 195), as técnicas de pesquisa qualitativas “têm o objetivo de provocar as produções verbais dos indivíduos de tal modo que elas possam constituir outras tantas informações sintomáticas. Para Thiollent (1987, p. 129), “no conhecimento social, mais do que em qualquer outro tipo de conhecimento, a acessibilidade de determinados tipos de informações relevantes para a explicação de uma situação depende dos modos práticos de atuação dos cientistas no seu relacionamento dentro da situação”. Neste contexto, a história oral, se bem utilizada, pode oferecer mecanismos eficientes, enquanto metodologia qualitativa no campo das ciências sociais.

A história oral se expressa a partir da relação que se estabelece entre o investigador, que está em busca da informação, e o investigado, do qual a informação deverá ser obtida. Percebe-se que esta relação não é uma relação entre coisas, **mas entre sujeitos**, sujeitos estes que sofrem interferências variadas e constantes. Portanto, é incontestavelmente uma relação de poder, que não tem nada de neutra, muito pelo contrário, está marcada por todos os condicionamentos dos sujeitos participantes.

Nenhum conhecimento está isolado do contexto histórico, do clima de opinião de uma determinada época ou civilização. Ele sempre influencia e é influenciado pela filosofia, religião, arte, organização social e necessidades econômicas historicamente determinadas. O conhecimento produzido a partir da história oral não está isento desta influência.

Através da história oral pode-se resgatar a voz de quem pouco ou nunca foi considerado como alguém que participou ativamente da construção da História. De fato, a **história oficial** privilegia sempre a ótica dos vencedores, deixando pouco ou quase nenhum espaço para a ótica dos vencidos, dos quais, dificilmente encontram-se simples relatos. Se formos estudar a história do Brasil, apenas através da história oficial, ficaremos com a memória repleta de personagens grandiosos que, com seus “grandes” feitos, tanto contribuíram para o engrandecimento do Brasil, por exemplo: Princesa Isabel - “a libertadora dos escravos” etc. É claro, nesta ótica não nos são dadas informações precisas do porquê do feito desses personagens, que foram, de fato, pressionados por outros **personagens anônimos, que participaram com seu trabalho, suas idéias e suas vidas na construção da história**. Aqui no Pará também temos as marcas de como a história oficial manipula o conhecimento histórico; a Cabanagem é o melhor exemplo e, aí, são raríssimos os documentos escritos sob a ótica dos oprimidos. Esses exemplos servem como ilustração, não é nossa intenção aprofundarmos aqui esta questão.

Assim, a história oral pode contribuir para o desmascaramento da história oficial. Maffesoli (1987) aponta que,

“ao velho debate sobre a estrutura e a história se contrapõe, então, a do acaso e da necessidade das histórias quotidianas... Quer se lhe dê o nome de modos de vida, ou (sociologia da) vida quotidiana, o certo é que esta temática não pode mais ser silenciada... E, naturalmente, devemos estar atentos ao componente relacional da vida social. O homem em relação. Não apenas a relação interindividual, mas também a que me liga a um território, a uma cidade, a um meio natural que partilho com outros. Estas são as pequenas histórias do dia-a-dia: tempo que se cristaliza em espaço. A partir daí, a história de um lugar se torna a história pessoal... a história que vem de baixo” (p.124-170).

Através da técnica da história oral, pode-se resgatar esta quotidianidade, dando oportunidade para a manifestação desta **história que vem de baixo**. Mas, antes de tudo, é preciso ressaltar que não queremos dizer que basta sermos simpatizantes desta técnica de pesquisa, utilizá-la de qualquer jeito, para concluirmos que estamos mais próximos da verdade. No trabalho intelectual, quem pesquisa deve sempre questionar e avaliar como está exercendo o seu trabalho, que tipo de relação estabelece com o seu “objeto” - pessoas e grupos sociais a quem estu-

da.

Nenhuma metodologia deve ser usada simplesmente como receita, pois, não são instrumentos neutros e sim meios de obtenção de informações, cujas possibilidades e limites precisam ser controlados. Neste contexto, a história oral, como qualquer outra técnica de investigação social, pode ou não favorecer o desenvolvimento do processo de pesquisa, cujo resultado vai depender muito da capacidade, desempenho, sensibilidade, bom senso, enfim, da postura do pesquisador diante do seu trabalho.

Vidal, Del Vecchio e Miceli (1987, p. 20), comentam sobre o perigo da utilização da história oral como “coisa da moda” e alertam que esta “não deve ser vista como panacéia, pois, ela não pode dar conta dos impasses maiores do historiador das coisas presentes. ‘Coisas presentes’, aqui, não significam as que estão ocorrendo, mas aquelas que permanecem vivas na memória”.

Devemos ter capacidade suficiente para optarmos pela técnica mais apropriada para a pesquisa que nos propomos desenvolver. A opção deve depender principalmente da finalidade a que se pretende a pesquisa, portanto, deve ser muito bem avaliada. Se foi decidido o seu emprego, é porque o pesquisador já avaliou a adequação e viabilidade desta técnica. É muito importante o tipo de relação estabelecida entre “pesquisador” e “pesquisado”, ambos sujeitos envolvidos num único processo.

A história oral é uma das vias de pesquisa, portanto, como as demais, não pode ser empregada para qualquer finalidade. Também não é uma alternativa mágica, ela não decide, por si só, a veracidade dos resultados; os quais são elaborados no bojo de todas as interferências advindas do exercício do poder aí estabelecido, interferências essas que, de uma forma ou de outra, imprimem sua marca.

As palavras também não falam por si, elas são manifestações dos seres humanos que as empregam. Como as condições de vida do homem estão enclavadas nas relações de poder, logo, o uso das palavras e os seus muitos sentidos estão intimamente vinculados ao seu exercício.

Como na história oral se trabalha muito com a **fala**, cabe aqui questionar: O que é a fala? Será o contrário do **silêncio**? Será que o silêncio não fala? Será que a fala não silencia?

Assim como a fala, também o silêncio não é transparente, am-

bos são ambíguos, têm suas condições de produção (Orlandi, 1987, p. 263). A fala pode ser silenciadora quando, em certas condições, se fala para não se dizer certas coisas. Por seu lado, o silêncio pode também dizer muito, dependendo do contexto em que ele se manifesta. Isso tudo deve ser levado em conta pelo pesquisador.

Ao trabalhar o conhecimento humano através da história oral, não se deve perder de vista a compreensão do sentido da fala e suas relações de poder. O conhecimento é resultado do intercâmbio entre pessoas, não é um simples raciocínio frio, pois o próprio raciocínio se manifesta a partir deste intercâmbio. O conhecimento se produz no decorrer da história humana, só podendo ser compreendido quando estudado em sua processualidade.

Saber e poder estão ligados indiscutivelmente. Todo saber surge das relações de poder. O conhecimento, portanto, não existe fora do poder, nem sem poder. O homem está permanentemente buscando um sentido para si e para a realidade em que se vê envolvido. O conhecimento não é produzido só por quem pensa, mas, por quem sente, por quem age, por quem vive.

Como se vê, não é uma tarefa tão simples a do pesquisador social. Não basta, no caso da **entrevista** - bastante utilizada pela história oral - pegar um gravador e sair por aí “catando” informações. A entrevista deve ser seguida atenta e cuidadosamente. Todos os sintomas, no decorrer do processo devem ser percebidos e analisados. Atitudes, motivações, opiniões, vidas estão em jogo. A utilização da entrevista é uma tarefa muito delicada, pois, o entrevistador não é aquele que apenas registra a fala do entrevistado, mas, participa também desta fala, devendo compreender o sentido da mesma, enfim, as atitudes explícitas e implícitas do “pesquisado”. É aí que o jogo de poder se estabelece, no qual, os resultados dependem da ação dos envolvidos; a atitude de um tem reflexo no outro.

Não se pode entender o que as pessoas sentem e pensam sem saber como elas vivem e o que fazem. Através da história oral podemos nos propor a buscar este entendimento. Porém, devemos ter bem claro o nosso papel neste processo. Segundo Thiollent (1987, p. 178),

a entrevista não é simplesmente um trabalho de coleta de informações, mas, sempre, uma situação de interação, ou mesmo influência entre dois indivíduos, e que as ‘informações’ dadas pelo sujeito (o ‘material’ que ele fornece) podem ser profundamente afetadas pela natureza de suas rela-

ções com o entrevistador.

O processo de uma entrevista não acontece mecanicamente, deve-se oferecer condições para que se estabeleça um clima de empatia, confiabilidade e respeito. O entrevistado não é um "objeto" é também um ser humano e como tal deve ser encarado. Ele deve ser informado da finalidade da pesquisa, do porquê ele foi escolhido etc.

Muitos outros cuidados devem ser tomados, por exemplo, quanto ao local da entrevista, à presença de outras pessoas, isso tudo pode interferir, pois "uma entrevista em casa aumentará as pressões dos ideais 'respeitáveis' centrados no lar; num bar, mais provavelmente enfatizará atrevimentos e brincadeiras; no local de trabalho, apresentará influência das convenções e atitudes ligadas ao trabalho" (Thompson, 1992, p. 163).

É recomendado evitar interrupções no processo da entrevista, pois, "se você interrompe uma história por considerá-la irrelevante, estará interrompendo não apenas essa, mas toda uma série de ofertas posteriores de informações que serão relevantes" (Thompson, 1992, p. 263).

Deve-se estar atento também para o **uso do gravador**. Este deve estar sempre em perfeito estado, e devemos saber operar com ele com facilidade, "é importante não chamar atenção para o aparelho, nem distrair-se ocupando-se dele" (Thompson, 1992, p. 264), no decorrer da entrevista.

A **transcrição da fita** é outro ponto delicado. "A pessoa que faz a fita também é a mais capaz de garantir a precisão da transcrição" (Thompson, 1992, p. 292). Esta afirmação é reforçada por Queiroz (1985, p. 81), que dá ênfase na preferência pelo pesquisador que realizou a entrevista, "na sua falta, um outro pesquisador e, somente em último caso esta seria entregue a um mero profissional da transcrição".

Transcrever não significa um mero trabalho "braçal" e sim "uma nova experiência de pesquisa, um novo passo em que todo o processamento dela é retomado" (Queiroz, 1985, p. 83). Isso facilita uma oportunidade significativa de se detectar acertos e falhas.

São muitas as responsabilidades do pesquisador que, além de ter que identificar o joio do trigo, no decorrer dos relatos, deve cruzar as informações com outros mecanismos disponíveis, etc. Sua tarefa não termina com o encerramento da entrevista. É a partir daí, sobretudo,

que o exercício do seu poder vai ser ainda mais decisivo: O que selecionar? O que publicar? Como apresentar? etc.

E onde fica o entrevistado, a partir deste momento? Não devemos submeter a ele, também, antes da publicação? Ou ele não tem mais nada a ver com o "nosso" trabalho?

Será que estas indagações são feitas por todos os pesquisadores?

O mundo em que vivemos tende sempre a desvalorizar o humano. As coisas têm muitas vezes igual ou maior valor que vidas. A relação de saber/poder que se estabelece entre "pesquisador" e "pesquisado" não está fora deste contexto. Segundo Foucault (1992, p. XIV-XXII), "poder não é um objeto, uma coisa, mas uma relação ... Todo saber assegura o exercício de um poder ... O saber funciona na sociedade dotado de poder. É enquanto é saber que é poder". É necessário estarmos cientes desta realidade e assumirmos o nosso papel enquanto seres vivos, engajados neste constante e intrigante diálogo com o mundo.

Todo documento, tanto escrito quanto oral e se quisermos, também o visual, ou ainda os três ao mesmo tempo, têm suas limitações, pois não garantem a retratação da vida em toda a sua totalidade, pois, "o vivido é irrecuperável em sua total vivacidade" (Queiroz, 1985, p. 85).

Não podemos nos iludir de que a ciência - saber/poder - pode dar respostas para tudo o que acontece no mundo. A nosso ver, a vida é muito mais do que tudo aquilo que se fala sobre ela. Tem muitos caminhos ainda a serem desvendados. E ainda bem! Caso contrário, não teria graça nenhuma pesquisá-la.

Voltando ao início deste artigo, ressaltamos que a história oral é uma técnica de pesquisa que tenta resgatar a memória datada e situada no contexto da sociedade e na biografia dos sujeitos. Ela se tornará viável se esta relação entre os sujeitos (pesquisadores e pesquisados) não for reduzida a uma coisificação, mas sim, no sentido de restaurar a reciprocidade no diálogo das ciências sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCH, M. *Introdução à História*. Rio de Janeiro: F. L. Castro, 1976.

- BURKE, P. (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos, o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO, 1993.
- ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas: Pontes, 1987.
- QUEIROZ, M. I. P. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: Centro de Estudos Rurais e Urbanos/USP, 1985.
- THIOLLENT, M. *Crítica metodológica, investigação e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1987.
- THOMPSON, P. *A Voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- VIDAL, D. G., DEL VECCHIO, J. C., MICELI, P. C. *O Trabalho das mãos e a arte da sobrevivência*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1987.

## O Saber fora da Escola: Notas para a Compreensão de um Processo\*

Denize Genuína da Silva Adrião  
Departamento de Antropologia/CFCH/UFPA.

**Resumo:** A instrução escolar tem, historicamente, um lugar de destaque entre a população de Barcelos (Rio Negro/Amazonas), especialmente a cidadina. As missões foram a mola propulsora através da qual a catequese e a alfabetização de alunos internos atraíram os habitantes da região. Hoje, o papel da escola é questionado entre índios e caboclos do lugar que vêem novos conhecimentos serem divulgados e, na prática, a sua cultura, o seu saber, como um anti-saber, isto é, um conhecimento desqualificado. Neste contexto, propõe-se resgatar as formas de educação tradicional praticadas por índios e caboclos, admitindo que um "repensar" sobre o modelo educacional implantado, poderá contribuir para um maior diálogo entre os dois mundos: índio e branco.

**Palavras-Chave:** etnoeducação, educação indígena e cabocla, etnohistória.

## Non-School Learning: On the Comprehension of a Process

**Abstract:** School instruction has historically played an important role among the Barcelos/Rio Negro Amazon populations, principally the town dwellers. The missions were the springboard for disseminating catechism and literacy, beginning with boarding school students and subsequently attracting interior residents. Presently, despite the spread of this imported knowledge, its value, in cultural terms has come to be questioned; it is seen by some as having acquired the status of non-practical "counter-learning". In this context, a proposal is set forth for recovering the traditional forms of education practiced by Indians and Mestizos ("Caboclos") and reconsidering the extent to which the implanted educational model might contribute to a broader dialogue between the two worlds: Indian and White.

**Key Words:** ethnoeducation, indian and mestizo education, ethnohistory.

Barcelos, lugar escolhido para as nossas investigações, está localizado no Médio Rio Negro, entre a cidade grande (Maués) e os povoados do Alto Rio Negro (São Gabriel da Cachoeira), onde Ma-

\* Trabalho apresentado na 18ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Comunicação do projeto "Estudo Preliminar das Formas Tradicionais de Educação Indígena e cabocla em Barcelos-AM".